

Melanie Golding

**A Mãe**

Tradução  
Mário Dias Correia

Dedicado à memória de Amber Baxter  
(nascida Pink)  
1979-2012



17 de Agosto

Peak District, RU

A sargento detective Joanna Harper estava no viaduto com os outros agentes da polícia. Na margem oposta, para lá da vasta extensão da albufeira, uma mulher tinha-se detido à beira da água, com os filhos gémeos nos braços.

Harper voltou-se para o inspector.

– A que distância estão os agentes do outro lado?

Um denso bosque rodeava a estreita faixa de terra onde a mulher se encontrava. Mesmo àquela distância, Harper conseguia ver as pernas avermelhadas pelos arranhões dos espinhos.

– Demasiado longe – disse Thrupp. – Não conseguem arranjar maneira de chegar até ela.

Numa fúria esvoaçante de bater de pás, o helicóptero passou por cima deles, a agitar a superfície da albufeira, a berrar a sua ordem: *Afastese da água*. Pairava sobre a frágil figura da mãe, ensurdecedor e implacável, mas os agentes a bordo não seriam capazes de a deter. Não havia em todo o vale um lugar onde o aparelho pudesse fazer uma aterragem segura, ou baixar o suficiente para descer o guincho.

Através dos binóculos, Harper viu a mulher cair sentada no lodo seco, o rosto voltado para o céu, ainda a agarrar os bebés. Talvez acabasse por não o fazer.

E então recordou, num lampejo, o que a idosa lhe tinha dito:

«Vai ter de pô-los na água, se quiser recuperar os seus bebés... Debaixo de água. Segurá-los debaixo de água.»

A mulher já não estava sentada à beira da água; tinha-a agora pelos joelhos, e continuava a avançar. A sargento detective libertou-se dos sapatos, trepou para o parapeito e preparou-se para mergulhar.

## Capítulo 1

A criança não é minha como a primeira era,  
Não posso adormecê-la com uma cantiga,  
Não posso pegar-lhe ao colo como um pai  
E acarinhá-la contra o peito;  
E todavia está deitada no berço da minha menina  
E senta-se na cadeira da minha menina,  
E a luz do céu para onde ela partiu  
Transfigura-lhe os cabelos dourados.

De *The Changeling*, JAMES RUSSELL LOWELL

13 de Julho  
20 h 10 m

A única coisa que lhe importava era que a dor tinha desaparecido. E com ela o medo e a certeza de que ia morrer, tudo no espaço de uns poucos miraculosos segundos. Queria deixar-se adormecer, mas o rosto preocupado de Patrick apareceu, a cabeça coberta pela touca verde do hospital, e ela lembrou-se: vou ter os meus bebés. A epidural que lhe tinham dado não assinalara apenas o fim das horríveis contracções, mas também o início de um processo de extracção por fórceps que ainda prosseguia. O primeiro bebé estava entalado no canal de parto. Por isso, em vez de permitir-se mergulhar no seu maravilhoso e quente casulo de entorpecimento e dormir – o que não fazia há trinta e seis horas –, tentou concentrar-se no que estava a acontecer.

O rosto da médica apareceu muito perto do dela, a máscara puxada para baixo a revelar a boca e a maior parte do queixo. Os lábios da mulher mexiam-se como se estivessem desligados das palavras. Era das drogas

e da exaustão; o mundo estava a abrandar. Lauren franziu a testa. *Está a falar comigo*, pensou. É melhor ouvir.

– Muito bem, senhora Tranter, por causa da epidural, não vai saber se está a ter uma contracção... de modo que vou eu dizer-lhe quando empurrar, *okay*?

A boca de Lauren formou um «o», mas a médica já tinha desaparecido.

– Agora!

Lauren sentiu a força com que a médica puxava e todo o seu corpo deslizou para baixo na cama. Não sabia se estava ou não a empurrar. Tentou compor no rosto uma expressão de esforço e contraiu os músculos do pescoço, mas algures na sua cabeça uma voz dizia: para quê dar-me ao trabalho? Eles não vão saber se estou ou não a empurrar, pois não? Talvez pudesse dormir um pouco.

Fechou os olhos.

– Empurre, agora!

A médica puxou e o devaneio dissolveu-se quando o primeiro saiu. Lauren abriu os olhos e voltara a estar tudo focado, os acontecimentos decorriam à velocidade correcta, ou talvez agora um nadinha demasiado depressa. Reteve a respiração, à espera do choro. Quando por fim chegou, aquele som, débil e aflautado, o protesto enfraquecido de uma coisa traumatizada, também ela chorou. As lágrimas, tanto tempo contidas, saltaram como projecteis. Patrick apertou-lhe a mão.

– Deixem-me ver – pediu, e o bebé foi colocado no peito da mãe, mas de costas, com o rabo apontado ao queixo de Lauren, de modo que tudo o que ela conseguia ver era as pernas de rã dobradas e um minúsculo braço que se agitava no ar. Patrick inclinou-se para os dois, examinou o bebé de olhos semicerrados, e riu, e depois chorou enquanto encostava a ponta do indicador à pequena palma.

– Não podem virá-lo? – pediu, mas ninguém o fez. E então Lauren mal teve consciência de a médica dizer outra vez «empurre», e de outro puxão. O primeiro bebé foi levado e o segundo posto no seu lugar.

Dessa vez conseguiu baixar as mãos e voltá-lo para si. Segurou-o na dobra dos dois braços e estudou-lhe o rosto, e o bebé estudou-a a ela, a minúscula boca franzida numa expressão de amuo. Não havia branco visível nos seus olhos entreabertos, só um azul-profundo e pensativo.

Apesar de os dois bebés serem geneticamente idênticos, ela e Patrick tinham esperado que houvesse pequenas diferenças. Eram indivíduos. *Dois bonitos rapazes*, pensou com uma jovialidade um tudo-nada forçada, ao mesmo tempo que *Posso dormir agora? Alguém ia reparar?*

– Riley – disse Patrick, com uma das mãos a tocar ao de leve na cara de Lauren e um dedo a acariciar a do bebé. – Sim?

Lauren sentiu-se pressionada. Achava que podiam deixar os nomes para uns dias mais tarde, quando os conhecessem como deve ser. Uma decisão tão importante. E se se enganassem?

– Riley? – disse. – Suponho...

Patrick tinha-se endireitado, já de telemóvel na mão.

– E o outro? Rupert?

Rupert? Nem estava na lista. Era como se estivesse a tentar fazer passar nomes enquanto ela estava distraída, depois de a encherem de drogas e a deitarem de costas, paralisada do peito para baixo, vulnerável à sugestão. Não era justo.

– Não – disse, um nadinha demasiado alto. – O nome dele é Morgan.

Patrick franziu a testa. Olhou na direcção do possivelmente-Morgan, que estava a ser examinado pela pediatra.

– A sério?

E voltou a guardar o telemóvel no bolso.



– Não pode ficar muito tempo – disse a enfermeira-parteira a Patrick, quando a cama encaixou enfim no lugar. As cortinas verde-mar foram corridas para o lado. Lauren quis protestar: esperara que lhe dessem algum tempo para se adaptar aos bebés antes de correrem com o marido.

A viagem da sala de partos à maternidade envolvera centenas de metros de corredores. Talvez até milhares de metros. Patrick empurrara o carrinho que continha um dos gémeos, enquanto a enfermeira conduzia a cama que a continha a ela e ao outro, nos seus braços. A pequena procissão deslizara com um bater de ferragens pelo caminho feito de corredores iluminados por luzes amarelas. Ao princípio Lauren pensara

que Patrick podia ter-se oferecido para trocar com a enfermeira, mas não tardara a ficar contente por não ter dito nada. À medida que se aproximavam da enfermaria, era cada vez mais evidente que a mulher sabia o que estava a fazer. A enfermeira, que devia ter mais ou menos metade da altura de Patrick, usara todo o peso do corpo para contrabalançar a cama quando esta dobrara uma esquina e entrara na enfermaria, e então, num alarde de destreza, empoleirara-se no patim e encaminhara-a como se fosse uma prancha de *surf* para um dos quatro cubículos desocupados, o único que ficava junto à janela. Houvera um único e ligeiro «clangue» quando a cabeceira da cama encostara à parede.

A enfermeira travara as rodas com um animado «cá estamos!» antes de fazer o seu aviso a Patrick, a apontar o relógio na parede em frente.

– Quinze minutos – disse.

Os seus sapatos afastaram-se a ranger no chão da enfermaria. Lauren e Patrick olharam para os bebés.

– Qual tens? – perguntou Patrick.

Lauren voltou a pequena pulseira colocada à volta do pulso delicado da criança que lhe dormia nos braços. Tinha escritas a esferográfica azul as palavras *Bebé Tranter n.º 1*.

– O Morgan – disse.

Patrick debruçou-se para o carrinho onde viajara o outro. Mais tarde, todos diriam que os gémeos eram parecidos com o pai, mas naquele momento ela não via qualquer semelhança entre o homem adulto e o engelhado rebento de um bebé. Os rapazes eram sem dúvida parecidos um com o outro – duas ervilhas da mesma vagem, ou a mesma ervilha duas vezes. Riley tinha a mesma carinha enrugada do irmão, os mesmos dedos compridos e de unhas estranhamente perfeitas. Faziam a mesma expressão quando bocejavam. Alguém na sala de partos tivera a ideia de os vestir com *babygrows* brancos iguais, tirados da mala que Lauren e Patrick tinham levado para o hospital, apesar de haver outras cores disponíveis. Lauren tencionara vestir um deles de amarelo. Se não fosse a pulseira, seriam com facilidade confundidos um com o outro, e quem iria alguma vez descobrir? Graças a Deus pelas pulseiras, claro. Nos braços da mãe, Morgan rodou a cabeça de um lado para o outro e entreabriu os olhos. Lauren viu-os fecharem-se devagar.

Tinham-lhes dado um só carrinho para os dois bebés dormirem. Riley estava deitado, sob o olhar atento do pai, na bandeja-berço de plástico claro aparafusada ao carrinho. Por baixo do bebé havia um colchão rijo e bem ajustado aos lados e, com uma ponta dobrada sob cada uma das extremidades do colchão, duas mantas com o nome do hospital impresso. O berço tinha a forma errada para a sua carga. A bandeja de plástico e o colchão eram planos, e o bebé era uma bola. Um bichinho-de-conta na palma da mão de uma pessoa, desses que se enrolam quando se assustam. Patrick moveu ao de leve o carrinho, e de súbito os braços e as pernas de Riley projectaram-se para fora, formando uma estrela de cinco pontas. Enrolou-se devagar, à mesma velocidade a que o irmão fechava os olhos. De novo uma bola, ficou deitado um pouco de lado. Para conter um bebé, o berço devia ser em forma de tigela, um pequeno ninho. Por que seria que ainda ninguém tinha pensado nisso?

– Olá, Riley – disse Patrick, numa voz grasnada. Endireitou-se.  
– Parece esquisito, dizer isto.

Lauren estendeu a mão e puxou o carrinho para mais perto da cama, a tentar evitar que a pequena bola rolasse. Usou a única mão que tinha livre para tapar o bebé com a manta e prendê-la dos lados do colchão, para o manter no lugar.

– Olá, Riley – disse. – É verdade, parece um pouco. Mas acho que é normal. Havemos de habituar-nos. – Voltou a cara para o bebé que tinha nos braços. – Olá, Morgan.

Ainda estava à espera da vaga de amor. Aquela que se sentia no instante em que eles nasciam, diferente de tudo o que já se tinha experimentado. A vaga de amor de que as pessoas com filhos estavam sempre a falar. Estivera à espera dela, ansiosa. Preocupava-a o facto de ainda não a ter sentido.

Entregou Morgan a Patrick, que lhe pegou como se fosse um frágil jarrao antigo que alguém acabasse de dizer-lhe valer mais do que a casa toda; desesperado por pousá-lo, sem saber onde, aterrorizado pela ideia de que lhe acontecesse alguma coisa. Lauren achou aquilo divertido e ao mesmo tempo preocupante. Quando o bebé, que conseguia sentir aquelas coisas, começou a chorar, Patrick imobilizou-se, o rosto transformado numa caricatura de pânico. O choro de Morgan acordou Riley, que fez coro com o irmão.

– Põe-no aí, ao lado do Riley – disse Lauren.

Os gémeos tinham estado juntos toda a sua vida. Perguntou-se o que significaria isso para eles, mais tarde. Tinham estado com ela, a crescer dentro dela, durante nove meses, os três juntos cada segundo de cada dia, pela totalidade da vida deles até ao momento. Sentia alívio por já lá não estarem, e culpa por sentir esse alívio, e uma sensação de perda por terem dado o primeiro passo para longe dela, o primeiro de todos os inevitáveis passos subsequentes para longe dela. Seria isso o amor, aquela sensação de culpa? Aquela sensação de perda? De certeza que não.

Patrick pousou a barulhenta trouxa cara a cara com o seu duplo e, milagre, o choro cessou. Estenderam ambos as mãos, passando os braços miniaturais à volta da penugenta cabeça um do outro, Morgan agarrado à orelha de Riley. Tudo era calma. Vistos de cima, pareciam uma ilusão. Uma impossibilidade. Lauren voltou a verificar, mas tanto quanto podia dizer a vaga de amor ainda não tinha chegado.

A feroz enfermeira voltou a aparecer, com os sapatos a ranger ao longo da enfermaria, um pouco depois das nove, e começou a mandar Patrick para casa, o que deixaria Lauren, com as pernas ainda entorpecidas e incapaz de se mover, sozinha para satisfazer todos os desejos e necessidades dos dois recém-nascidos.

– Não podes deixar-me – disse Lauren.

– Não pode ficar – disse a enfermeira.

– Vou voltar – disse Patrick. – Logo de manhã. Mal abram as portas.

Não te preocupes.

Beijou-lhe a cabeça e os dois bebés. Afastou-se um nadinha demasiado depressa.

## Capítulo 2

Depois de Patrick ter saído, Lauren ficou sentada, de olhos secos, no silêncio, a saber que vinha aí o caos. De momento, porém, estavam os dois a dormir. Da cama, observou os casulos gémeos que eram os seus bebés vestidos de branco com um espanto incrédulo: fui eu que fiz aquilo?

O hospital não estava silencioso, nem escuro, apesar de as janelas serem agora feitas de espelhos pretos. O reflexo de Lauren tinha fundos buracos de sombra no lugar onde deveriam estar os olhos. Uma visão de horror. Desviou o olhar.

O edifício tinha uma zoada feita de diversos tons que formavam um zumbido, um frio acorde que não se resolvia. Lauren pousou a cabeça na almofada e apercebeu-se de que um dos cantores era a sua cama de hospital, que harmonizava em dissonância com o zumbido do aquecimento, um pouco mais grave e muito mais forte. E depois havia o zumbido do candeeiro da mesa-de-cabeceira, com uma textura sussurrante que a acalmava. Fechou os olhos, ainda encostada à almofada numa posição sentada, com a luz brilhante do candeeiro a trespassar-lhe as pálpebras. Fez três, quatro inspirações e expirações fundas. O sono estava a chegar. Tinha esperado tanto tempo por aquilo.

O choramingar de um dos bebés penetrou o seu frágil letargo com uma urgência quase física. Os seus olhos foram forçados a abrir-se, mas sempre que pestanejava via um pano de fundo encarnado com riscos negros onde um mapa das veias das pálpebras fora queimado nas retinas. Afastou o candeeiro da cara com uma sapatada.

*Talvez volte a adormecer*, pensou, com um optimismo desesperado. O choramingar de Riley tornou-se um cacarejo, e a seguir um cacarejo e um *uuuuá*, e então ela teve de fazer qualquer coisa. Um bebé a chorar chegava.

Puxou o carrinho para o mais perto da cama possível, mas descobriu que não conseguia levantá-lo. Precisava de uma das mãos para impedir a inútil e entorpecida metade inferior do corpo de cair da cama quando se inclinava, mas das duas para tirar o bebé do berço, com uma das mãos a segurar a cabeça e a outra o corpo, como lhe tinham mostrado. Riley tinha a boca aberta, os olhos fechados com força, a esticar as pernas e a estender os braços, a procurar no ar alguma espécie de resistência e a não encontrar nenhuma.

Lauren pensou no útero e em como tinha contido os dois, os tinha alimentado e mantido quentes. Teve pena deles, por a natureza lhes ter tirado a aconchegada casa e a ter posto a ela no seu lugar; por terem sido arrancados ao seu útero e colocados nos seus braços, onde ela era a única coisa que se interpunha entre eles e o obívio, entre eles e o fracasso, entre eles e o desapontamento. Ela, que não conseguia pegar no filho e encher-lhe a barriguinha, o que passara a ser, havia que enfrentá-lo, o seu único propósito na vida.

Morgan ouviu o irmão chorar. Mexia-se no sono, ainda não bem acordado, mas a chegar lá. Lauren estendeu o braço e agarrou com os dedos a frente do *babygrow* de Riley até o ter bem seguro, como a trouxa da cegonha. Reteve a respiração e ergueu-o com uma só mão, preocupada porque a cabeça pendeu para trás durante o segundo que demorou a transferi-lo do berço para o seu colo. Mas então recordou que duas horas antes, durante o parto, Riley tinha sido agarrado por tenazes de metal e puxado pela cabeça com grande força e na confiança de que o pescoço, na aparência tão frágil e delicado, arrastaria atrás de si em segurança o resto do corpo.

Quando se esforçava por amamentar Riley, Morgan acordou de vez e chorou de fome. Ficou a ouvir, impotente, o som de um alarme que não podia desligar, um grito com ligação directa ao seu corpo, a ocupar todo o espaço no seu cérebro de tal modo que não conseguia pensar em mais nada senão alimentá-lo, em fazer o que era necessário para acalmar

o rapaz, para fazê-lo parar. Ao cabo de alguns agitados minutos, deu por si a enfiar um dedo no canto da boca de Riley para o fazer largar o bico da mama. Com dificuldade, voltou a colocá-lo no berço, a esforçar-se, como uma grua, por trocá-lo pelo irmão ainda mais faminto. Por um instante, houve apenas o som de pequenos lábios a chupar, um bebé a mamar e o outro a olhar até que Riley se lembrou de que não tinha terminado a sua refeição e pensou que o coração lhe ia estalar.

Lauren alimentou um enquanto o outro esperava para ser alimentado, e continuou desta maneira como Sísifo, a pensar que tinha de haver um fim para aquilo e a descobrir que não havia. Já premira o botão a pedir ajuda, mas quando a parteira aparecera vinha com um ar tão irritado e modos tão abruptos que Lauren não se sentia com coragem para voltar a chamar. A noite arrastou-se e saltou em frente enquanto o seu esfarrapado cérebro tentava dormir, repousar e recarregar depois do trabalho de parto, do dia e da noite e do dia sem dormir e depois aquela noite, aquela longa noite a levantar e a torcer-se e a amamentar e a sentar-se em posições dolorosas durante longos minutos, as costas a queixarem-se e os músculos dos braços desfeitos e os mamilos a racharem e a sangrarem e a secarem só para voltarem ao aperto implacável e húmido da boca dos filhos. E depois, à medida que o efeito das drogas da abençoada injeção se dissipava, havia as dores da destruição do seu pavimento pélvico. Onde a tinham cortado e cosido, onde as suas membranas mucosas tinham sido esticadas até ao ponto de ruptura.

Não sabia se tinha dormido. Parecia-lhe que não, e no entanto dera por si a pousar com muito cuidado um bebé no berço, piscar os olhos e descobrir que tinha passado uma hora.

A cortina que separava o seu cubículo do contíguo tinha sido fechada. As enfermeiras deviam ter trazido mais uma nova mamã. Os gémeos dormitavam silenciosos, vírgulas invertidas enroladas à volta uma da outra, em paz.

Ouviu um arrulhar vindo do outro lado da cortina, uma mãe a falar com um bebé. A voz era baixa, sussurrante, de algum modo perturbadora. Lauren não conseguia perceber por que razão lhe parecia estranha. Ficou a ouvir durante mais algum tempo. Apenas uma mulher a murmurar nada ao filho. Por que estaria a perturbá-la? Havia também sons de bebé, apesar

de o bebê parecer uma ave, a gritar, a grasnar, a pipilar a pedir alimento. E então mais alguma coisa, outro som, como o miar de um gatinho. Lauren deixou os olhos fecharem-se e deixou-se levar, sonhou com uma mulher que tinha uma ave e um gato, uma mulher velha, toda ela pele e nervos, a segurar um animal em cada mão pelo cachaço e a dar-lhes de comer vermes tirados de um balde. Com as duas mãos ocupadas, a velha usava a língua negra e comprida para rodear e apanhar os vermes, arrancando a criatura que se contorcia ao agitado emaranhado do balde antes de a levar às bocas, o bico aberto da ave e as fauces escancaradas do gato. Os dentes do gatinho, finos como agulhas, trespassavam a pele membranosa do verme que se encolhia, em pânico, num fútil esforço para escapar antes de ser largado, de cair da língua negra da mãe, que se desenrolava, no bico e nas fauces da ave e do gato, e então puxavam ambos pelas pontas do verme gordo e húmido até o partirem ao meio, e voltavam costas um ao outro, as bocas a mastigar e a engolir, sombriamente satisfeitos com metade. A velha dizia qualquer coisa aos animais enquanto os alimentava, um qualquer legado urgente cujos pormenores Lauren não conseguia apanhar, a sussurrar, a insistir na importância de se lembrarem de tudo o que lhes dizia, que as suas vidas dependiam disso. No sonho, os animais ouviam enquanto podiam, mas depois gritavam porque precisavam de mais alimento. E enquanto gritavam, os sons tornavam-se menos parecidos com os de um gato e de uma ave e mais como os de bebês humanos, um grasnar tornava-se um choro, o miar do gatinho, o suave lamuriar de um bebê. No sonho, a velha pegava nos animais e acalmava-os enquanto eles se metamorfoseavam, embalava-os devagar enquanto as suas formas humanas emergiam, e então deitava-os com cuidado no berço do hospital.

Os olhos de Lauren abriram-se. O sonho persistia: havia um cheiro a qualquer coisa animal nas suas narinas e ela abanou a cabeça para se desembaraçar das perturbadoras imagens. O silêncio era total, exceptuando a respiração dos seus gémeos e os sons quase imperceptíveis de outro par de gémeos na cama ao lado. Outro par de gémeos. A mulher na cama a seguir à sua também tivera gémeos, teve de súbito a certeza. Escutou com atenção – dois bebês a ressonar, sem a mínima dúvida. Quais eram as probabilidades? Esquecido o sonho, Lauren estava contente. Gostaria de espreitar para o outro lado da cortina e dizer olá, mas

não conseguiria chegar-lhe. Além disso, a noite ainda ia a meio. Teria de esperar pela manhã. Dois pares de gémeos no mesmo dia. Talvez fosse um recorde do hospital.

Presa à cama, com o corpo enfraquecido pela epidural, privada de sono, dorida e exausta, Lauren consolou-se a si mesma. Pelo menos ia ter alguém com quem falar, alguém que passara por uma provação semelhante. O sol insinuava-se pelas beiras das janelas, acrescentava os seus tons de pêssego ao branco e ao amarelo das luzes eléctricas da enfermaria. Do outro lado da cortina estava tudo silencioso; a outra mãe de gémeos devia ter adormecido. Lauren voltou a fechar os olhos, mas no instante em que as suas pálpebras se encontraram ouviu o leve roçar das faces do seu bebé no lençol do berço enquanto ele movia a cabecinha de um lado para o outro à procura de um mamilo. Forçou-se a abrir os olhos, puxou o corpo para uma posição sentada, preparou-se para a dor nos braços quando se torceu para pegar na criança e amamentá-la.